

## **Cronicamente online: um jogo de forças entre permanência nas redes e ubiquidade das TICs**

*Chronically online: a power struggle between permanence in networks and ubiquity of ICTs*

**Marta M. Kanashiro**<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Campinas

Campinas, São Paulo

mmk@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1337-3186>

**Bianca Cavichioli Schuermann de Barros**<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Campinas

Campinas, São Paulo

b166894@dac.unicamp.br

<https://orcid.org/0009-0008-3687-6369>

*Recebido em: 27 de setembro de 2024*

*Aceito em: 10 de dezembro de 2024*

<sup>1</sup> Marta Mourão Kanashiro é doutora em sociologia, pesquisadora e professora no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Brasil), e coordenadora do Grupo de Pesquisa Informação, Comunicação, Tecnologia e Sociedade.

<sup>2</sup> Bianca Cavichioli Schuermann de Barros é estudante de graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, Brasil) e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Informação, Comunicação, Tecnologia e Sociedade.

## Resumo

Este artigo propõe uma análise crítica do fenômeno *cronicamente online*, estabelecendo uma comparação com o conceito de disforia de gênero, conforme abordado por Paul Preciado (2023). Argumenta-se que ambas as condições, ao serem tratadas sob a ótica médica, apagam as tensões tecnológicas, políticas, sociais e culturais que modulam esses fenômenos. O cronicamente online é visto como nova forma de sociabilidade, especialmente entre os jovens, em um contexto de capitalismo de vigilância (Zuboff, 2018) que transforma a atenção em um recurso lucrativo. Este artigo sugere que estar constantemente conectado não deve ser entendido apenas como uma escolha individual ou uma patologia, mas como parte constituinte de um modo de acumulação contemporâneo baseado no funcionamento da cibernética. Assim, ao deslocar a análise da patologização para uma perspectiva política, explora-se o jogo de forças entre a medicalização e a normalização do comportamento digital, e como a permanência online é, ao mesmo tempo, incentivada e patologizada pelas estruturas sociais e econômicas atuais.

**Palavras-chave:** Cronicamente online; Redes Sociais; Processos de Subjetivação; Transformação social.

## Abstract

This article offers a critical analysis of the phenomenon of being *chronically online*, drawing parallels with the concept of gender dysphoria as approached by Paul Preciado (2023). It argues that both conditions, when framed as medical issues, obscure the technological, political, social, and cultural tensions that modulate these phenomena. Being chronically online is interpreted as a socially shared and internalized norm, particularly among young people, within the context of surveillance capitalism (Zuboff, 2018), where user attention becomes a lucrative resource. The paper suggests that constant online presence should not be understood solely as an individual choice or pathology but as a constitutive part of the capitalist accumulation processes based on the functioning of cybernetics. By shifting the analysis from pathologization to a political perspective, the article explores the complex interplay between medicalization and normalization of digital behavior, examining how prolonged online presence is simultaneously incentivized and pathologized by current social and economic structures.

**Key-words:** Chronically online; Social Media; Subjectivation Processes; Social Change.

## Introdução

Este artigo apresenta as reflexões mais recentes da pesquisa<sup>3</sup> “Tecnologias de informação e extração de dados entre processos de subjetivação e resistências” voltada para diferentes dispositivos<sup>4</sup> (Deleuze, 2015) atravessados pela extração de dados pessoais na atualidade e para as relações estabelecidas com as Tecnologias de informação e Comunicação. Como pesquisa mais ampla, essa investigação abriga pesquisadores(as) de graduação e pós-graduação, buscando entrelaçar diferentes reflexões de pesquisa, que tematizam desde o uso de redes sociais até as infraestruturas de redes comunitárias e cuidados digitais, para investigar os avanços e modos de funcionamento dessas tecnologias em conexão com os processos de subjetivação e resistência na atualidade, e com as transformações do capitalismo. O mote *cronicamente online* é um dos aspectos investigados na pesquisa sobre redes sociais que será tratado neste artigo.

De forma mais geral, essa expressão vem sendo usada para definir pessoas que *permanecem* usando a internet, em especial, as redes sociais de forma contínua ou com pouca interrupção. Além de funcionar como forma de autoidentificação nas redes sociais, percepções e avaliações sobre como se define essa ideia vêm sendo expressas na mídia de massa e em artigos acadêmicos. A pesquisa de campo buscou tensionar as percepções, definições e perspectivas sobre o *cronicamente online* utilizando como fontes *tiktokers* e *youtubers* que tratavam do tema, assim como artigos em jornais e revistas. Para refletir sobre os modos de funcionamento do *cronicamente online*, o presente texto exporá, ainda nesta introdução, uma breve trajetória da pesquisa realizada sobre o tema em redes sociais, para em seguida refletir sobre o jogo de forças que o atravessa e compõe.

Com relação as redes sociais, ainda que inicialmente a pesquisa de campo estivesse voltada apenas para a plataforma *TikTok*, o levantamento de campo inicial indicou a importância de considerar a circulação e abordagem do tema *cronicamente online* em outras redes sociais. Os resultados das buscas feitas no *TikTok* nos mostraram que o material proveniente dessa plataforma não seria o suficiente, devido às dinâmicas que constituem a experiência de quem navega no aplicativo. Como há um limite de tempo para as *postagens*, sua construção e funcionamento são melhor compreendidos

<sup>3</sup> Agradecemos as valiosas contribuições de Max De Bona De Oliveira, estudante de graduação em Ciências Sociais (Unicamp, Brasil) e pesquisador do Grupo de Pesquisa Informação, Comunicação, Tecnologia e Sociedade

<sup>4</sup> Deleuze (2015) aborda o conceito de dispositivo em Foucault que o define como um conjunto heterogêneo de elementos, como discursos, instituições, leis e práticas, que se articulam para produzir efeitos específicos de poder e conhecimento, para então ampliar essa concepção, considerando o dispositivo como um agenciamento que se organiza em torno de linhas de visibilidade, enunciação, forças e subjetivação. Em ambos os casos, o dispositivo é visto como uma estrutura dinâmica e em constante transformação.

quando se considera conteúdos mais longos, presentes em outras redes sociais, e que em conjunto com o material do TikTok configuram um ecossistema<sup>5</sup> de práticas e discursos em interação.

Sendo assim, foram realizadas buscas em outras plataformas como Youtube, Twitter e Instagram, e os resultados sinalizaram uma diferença significativa na forma de abordagem do tema. Enquanto no Youtube o conteúdo exposto possui comparativamente maior duração e elaboração, com apresentação de vídeos que buscam refletir sobre o que é estar em um estado de constante *permanência* digital e suas implicações, nas duas últimas, os *posts* são curtos e diretos: mensagens claras e com tom humorístico ou irônico cujo objetivo é fazer com que outros usuários identifiquem a experiência de estar constantemente conectado.

Assim, para esta pesquisa optamos por trabalhar com o levantamento das expressões mais recorrentes para o tema: *cronicamente online*, *extremamente online*, e *terminalmente online* (em inglês e português) nas plataformas *TikTok* e *YouTube*, considerando a possibilidade de sobrepor na análise conteúdos longos, mais elaborados, críticos ou argumentativos (no *YouTube*) voltados a avaliação e observação da situação, com os conteúdos da primeira plataforma indicada para essa pesquisa (*TikTok*), mais curtos e diretos em que usuários se referem ao *cronicamente online* como parte de seu próprio cotidiano e vivência. Os sete vídeos do *Youtube* e os 24 do *TikTok* escolhidos foram aqueles de acesso público, produzidos por jovens adultos (com idades entre 19 e 31 anos), que apresentavam maior interação ou circulação do conteúdo, e que se expressavam a partir de uma abordagem compreendida como mais significativa.

Com relação a circulação e interação, ainda que consideremos que parte da interação seja realizada por *bots*<sup>6</sup> e, portanto, não possa exprimir de fato uma audiência, esses aspectos garantem parcialmente maior circulação e interação, no sentido de sua exposição na rede. É através desses parâmetros que vídeos em redes sociais são ofertados mais frequentemente aos usuários. O mecanismo de distribuição de conteúdo das plataformas digitais é realizado de forma automática por algoritmos, que tem seu funcionamento mantido em sigilo pelas empresas que os criam. Apesar disso, é possível depreendê-lo a partir de cursos, políticas e diretrizes disponibilizados pelas próprias plataformas para criadores de conteúdo (Araújo, 2021). Já a consideração da abordagem como mais

<sup>5</sup> Considerando *cronicamente online* como um tema abordado por grupos específicos de pessoas ou comunidades na internet, ecossistema é compreendido aqui como um conjunto de canais de comunicação *online* que interagem na rede, e que se retroalimentam.

<sup>6</sup> De forma geral *bots* (abreviação de *robot*, em inglês) são programas que executam tarefas de forma repetitiva e automatizada, sem intervenção humana, podendo, por exemplo, interagir por comentários, aumentar número de curtidas, visualizações e interações artificialmente. Para uma análise sobre *bots* políticos e sua influência em processos eleitorais ver Woolley (2017). Além disso, deve-se considerar a atuação do que ficou denominado como *bots humanos* usuários pagos por *click farms* para interagir com conteúdos das redes sociais. Para uma análise sobre o trabalho em *click farms* no Brasil ver Grohmann, et.al. (2022). A presença desses mecanismos interfere tanto na circulação de conteúdo, como na camada de linguagem humana (narrativa) apresentada nas redes sociais e plataformas digitais.

significativa, apresentada como critério para seleção de vídeos, levou em conta a observação sobre se o conteúdo descrevia, elaborava, observava ou situava como vivência a definição ou autodeclaração de perceber-se *cronicamente online*.

Além do material nas redes sociais *YouTube* e *TikTok* também foram considerados como materiais da pesquisa de campo a circulação do tema em jornais e revistas, e em artigos oriundos de pesquisas que debatem e problematizam esse tópico, por vezes, sob a nomenclatura de vício em internet ou nomofobia<sup>7</sup>, mas que também o definem como o fazem usuários das redes sociais, ou seja, a partir da *permanência online* de forma contínua.

O tensionamento das percepções nesses materiais encontra na perspectiva do método cartográfico sua sustentação. A noção de dispositivo<sup>4</sup>, conforme discutido por Deleuze (2015) é central para compreensão desse método, pois permite trazer a tona linhas de força, visibilidade, dizibilidade e processos de subjetivação, de novas sociabilidades e resistências em curso. Ao mapear práticas, discursos e interações, ou ainda, influências mútuas, que extrapolam as redes sociais, incluindo a mídia de massa e artigos acadêmicos, a cartografia (Prado, 2013) oferece uma visão alternativa aos modos tradicionais de análise.

Consideramos, por exemplo, a etnografia digital (etnografia virtual ou netnografia) como um método tradicional de análise no campo das tecnologias de informação e comunicação, especialmente em estudos voltados para interações *online*. Distante de contestar esse método, a escolha teórico-metodológica que informa esta pesquisa difere em sua proposta ao considerar as disputas e deslocamentos de sentido que delineiam os jogos de força em um dispositivo, mas também a perspectiva situada (Haraway, 1995) das pesquisadoras e do levantamento de dados. Por esse caminho, é possível, por um lado, considerar como partes do dispositivo não apenas a camada da linguagem humana (narrativa), práticas e discursos nas interações *online*, mas a rede sociotécnica e sua relação com a camada algorítmica ou de linguagem computacional e maquínica<sup>8</sup> no funcionamento dessas interações. Afinal, os algoritmos têm agência e podem ser compreendidos em uma perspectiva política (Galloway, 2019).

O ciclo de retroalimentação (*feedback*) nas redes sociais deve ser considerado não apenas para o que comumente se entende por objeto de pesquisa (as redes sociais), mas também como algo que compõem o próprio levantamento de dados nas redes e que apresenta resultados diferentes

<sup>7</sup> Nomofobia é definida como o medo ou angústia intensa de ficar sem celular, *tablet* ou computador ou ser impedido de usá-los ininterruptamente por motivos internos ou externos. O termo é oriundo da expressão em inglês *no-mobile-phone phobia*.

<sup>8</sup> Por linguagem maquínica compreendemos códigos e algoritmos atravessados pelo conceito de máquina em Deleuze e Guattari. Para uma discussão deste conceito ver Santos (2021).

dependendo da localização, do idioma, e dos dados comportamentais<sup>9</sup> (Zuboff, 2018) extraídos daquele(a) que realiza o levantamento de pesquisa. O que poderia ser considerado como enviesamento ou ausência de objetividade é, nesta pesquisa, partícipe do modo de conhecer vigente nesse dispositivo contemporâneo, que deve levar em conta o agenciamento algorítmico.

Considerando esses aspectos, o método cartográfico nesta pesquisa permite desvendar os jogos de poder, criação de saberes e também de resistências que constituem a experiência contemporânea de estar *online*, além de oferecer um terreno fértil para explorar como as relações de poder e os modos de subjetivação são continuamente (re)negociados e (re)configurados. A abordagem cartográfica adotada nesta pesquisa enfatiza a natureza fluida e estratégica do fenômeno de estar *constantemente online*, ao mesmo tempo que se revela capaz de produzir mapas dinâmicos e adaptáveis que não apenas descrevem, mas também interpretam as interações, influências mútuas e relações de força.

### **Os amálgamas móveis entre ironia e vício**

Nos vídeos das redes sociais pesquisadas, as pessoas que se autodeclaram *cronicamente online* atribuem um sentido pejorativo ao termo, que vem acompanhado de autoironia, ao mesmo tempo que expressam ciência sobre o excesso de tempo *online*. Com frequência, discutem as implicações desse uso das redes sociais e diminuem a importância disso. A ironia partilhada confere um senso de comunidade, que atribui àqueles(as) que a ela pertencem a capacidade de compreender inúmeras piadas que apenas quem habita a constante *permanência digital* poderia compreender. Formas de expressão nessas redes compõem algo que os diferencia daqueles que não estão sempre *online*, assim como aspectos descritos como: uma certa inclinação a criar conflitos em situações inusitadas ou banais, buscando sempre gerar (e vencer) um debate em que há pouca escuta de argumentos contrários.

A distância da realidade também é um elemento constante da caracterização apresentado pelas pessoas que se autoidentificam como *cronicamente online* e pelos vídeos que observam e refletem sobre essa situação. “Perda de conexão com a realidade”, “senso de realidade alterado pelo uso excessivo de internet”, “ausência de percepção de si mesmos e do mundo condizentes com a realidade”, “complexo de superioridade moral” (em função do excessivo julgamento que ocorre em

<sup>9</sup> Para Shoshana Zuboff (2018), as grandes empresas de tecnologia voltadas para informação e comunicação inauguraram uma nova forma de acumulação capitalista. São empresas que coletam, compilam, organizam e processam grandes conjuntos de dados pessoais para prever e modificar comportamentos e lucrar com isso (mais valia comportamental). É exatamente sobre essa dinâmica de extração de dados das ações corriqueiras de usuários na utilização da internet (dados comportamentais) que a ideia de capitalismo de vigilância se constrói. Há uma série de negócios hoje que se baseiam na vigilância desses dados que investem contra a noção de privacidade tal como a conhecíamos.

redes sociais), “questionamento de coisas inofensivas”, “falta de percepção da subjetividade alheia” (de realidades diversas daquela do usuário), “julgamentos incapazes de gerar críticas construtivas”, “senso de realidade deturpado devido à falta de contato com a vida externa”, “falta de capacidade interpretativa” são formas de detalhar e descrever o que se entende nas redes sociais como distância da realidade.

No entanto, ainda que se evidencie este caráter depreciativo, é por meio da ironia e da jocosidade que se delimita um sentido de vivência comum entre aqueles que estão *cronicamente online*. O espaço-tempo *online* ocupando a maior parte da vida cotidiana é colocado como um território de experiências compartilhadas, onde se constroem significados coletivos do seria um excesso da presença *online*. Apesar de muitos dos usuários utilizarem essa expressão e outras derivações como uma maneira de julgar o próprio comportamento ou de terceiros, existe a ideia comum de que para que se compreenda quais são as implicações de ser alguém *cronicamente online*, é necessário estar partilhando essa mesma vivência (cultura da internet ou digital). Um dos vídeos do TikTok, por exemplo, apresenta essa perspectiva da seguinte forma: “eu amo o termo *cronicamente online* pois, para entender o que isso significa, você provavelmente deve ser *cronicamente online*”.

Além disso, mesmo que o tom pejorativo e irônico seja predominante no material de autoidentificação pesquisado, há menções mais sérias abordando as mudanças que a *permanência online* provoca na personalidade, no jeito de falar, nas preferências artísticas, musicais, de consumo de roupas e produtos, todos interligados de foma geral à cultura da internet (memes e gírias, por exemplo). Outras percepções dos efeitos do *cronicamente online* na vida sensorial dizem respeito a relatos de insônia e dificuldade de concentração.

Aqui, é válido adicionar o caráter imperativo que as relações sociais contemporâneas colocam sobre o estar *online*. Sob os moldes econômico-sociais que vivemos atualmente, não ter uma persona digital se torna uma tarefa condenável. Há redes sociais para muitas dimensões da vida cotidiana, obter ou manter um emprego, relacionar-se, estar a par de debates sobre assuntos recentes, divulgar o próprio trabalho, deslocar-se pela cidade dentre outras. É nesse contexto da *ubiquidade* das redes sociais e aplicativos em *smartphones* que emerge o *cronicamente online* e que também surgiu a sigla FoMO para a expressão *Fear of Missing Out*, que possui uma capilaridade significativa entre usuários da internet e das redes sociais. FoMO (Shabahang, Aruguete, Shim, 2021) pode ser compreendido como o medo de ficar de fora, de não conseguir acompanhar as atualizações e eventos, ser socialmente esquecido, não participar, não existir *online* significando não existir como um todo, compelindo a pessoa a manter-se intensamente conectada às redes sociais. Nesse contexto, o tom irônico e jocoso desponta como estratégico ao evidenciar que o *cronicamente online* coloca-se triplamente como algo

que expressa a diluição da fronteira *online* e *offline* constituindo novas formas de sociabilidade<sup>10</sup>, que apresenta uma certa inevitabilidade dessa situação pelo caráter ubíquo das TICs, e que constantemente recebe críticas e avaliações por se caracterizar pelo excesso.

Assim, se torna evidente a presença intensiva das tecnologias digitais no cotidiano da sociedade neoliberal. Visto que o uso de redes sociais, *softwares* e dispositivos tecnológicos se mostra cada vez mais imperativo, não apenas no contexto prático, mas também social, cultural e político, os aparelhos tecnológicos, como os *smartphones*, despontam como “objetos digitais de devoção” (Han, 2023: 18), que promovem inclusive o autocontrole e exame de si, se tornando um dispositivo de monitoramento permanente e parte fundamental do capitalismo de vigilância<sup>9</sup> (Zuboff, 2018). É a essa noção que conectamos o termo *ubiquidade*. Já *permanência nas redes*, por outro lado, é uma diferenciação que esta pesquisa procura estabelecer para apontar uma característica ativa dos usuários, que quando considerada excessiva no campo é expressa como *cronicamente online*. Ela se refere ao tempo individual gasto em plataformas digitais, e é apenas nessa definição que o excesso é tratado em oposição a sua invisibilidade quando se trata do tema político e social da *ubiquidade*, que nos mantém o tempo todo online. A ubiquidade é a capilarização das TICs e de uma nova forma de acumulação, ambas invisibilizadas e não reguladas no cotidiano.

Assim como o artigo que aborda o FoMO, outras produções jornalísticas e acadêmicas dialogam de forma mais próxima com essa ideia de excesso e com as áreas de saúde mental e medicina. No Jornal da USP (Olive, 2023; Oliveira, 2021), por exemplo, são encontradas diversas matérias abordando esse tema como sendo um “vício em internet”, por meio de afirmações como: “o uso intenso das redes sociais suga os usuários e leva a uma elaboração ficcional da realidade” (Oliveira, 2021).

O vídeo *Chronically online: the epidemic of the century* de Alana Lintao, uma *TEDTalk* publicada no YouTube, classifica o uso excessivo das redes sociais como uma pandemia silenciosa. A palestrante destaca que a exposição constante aos dispositivos eletrônicos tem implicações diretas na saúde, como o aumento dos riscos de morte precoce e o desenvolvimento de doenças relacionadas ao estilo de vida sedentário e à privação de sono. A dependência da tecnologia é colocada como semelhante a outras formas de vício, onde os indivíduos experimentam uma necessidade compulsiva de estar conectados. Para Faria (2015), autora de uma pesquisa sobre dependência em redes sociais, o acesso fácil e instantâneo à internet por meio de dispositivos como *smartphones*, *tablets* e computadores tem facilitado a propagação desse vício e aumentado sua prevalência em todo o mundo.

<sup>10</sup> Note que temas como vida ou espaço *online* e *offline*, formas de sociabilidade na internet, ou real e virtual foram temas recorrentes no debate acadêmico na década de 1990 e início dos anos 2000, e que mais recentemente reaparecem no campo com a intensificação do uso de *smartphones* e redes sociais.

Para ela, os sintomas podem ser semelhantes aos de outros distúrbios viciosos, incluindo a necessidade de aumentar o tempo de uso para obter satisfação, as sensações de irritabilidade ou ansiedade quando o acesso à internet é limitado ou interrompido, a negligência de responsabilidades pessoais e sociais em prol do uso da internet, improdutividade ou baixa produtividade, e tentativas infrutíferas de reduzir ou controlar o uso da internet. Esse discurso patologizante que notamos em nossa cartografia atravessa a constituição do *cronicamente online* e reflete preocupações crescentes sobre os impactos negativos do uso excessivo da tecnologia e das redes sociais.

Também encontra-se uma ampla gama de conteúdo que dissemina as abordagens pejorativas e ou patologizantes em veículos de comunicação de grande circulação. Em matéria para Veja (2023), a psiquiatra Anna Lembke (2023) afirma que “a internet é uma droga”. Já no Correio Braziliense (Santana, 2023), utilizando o termo nomofobia, afirma-se que o uso frequente da internet pode levar a quadro de vício e que se trata de uma fuga da realidade, que, como consequência, leva a uma perda do que é real para o usuário. Há uma tendência em enquadrar o estar *cronicamente online* como uma condição médica de dependência, que necessita de intervenções terapêuticas e de controle. Essa perspectiva médica enfatiza os possíveis riscos para a saúde mental e o bem-estar dos indivíduos, destacando a necessidade de limitar o tempo gasto nas redes e buscar um equilíbrio saudável entre a vida *online* e a vida *offline*.

Essa última narrativa médica se estrutura em torno da ideia de que o indivíduo se encontra em uma espécie de limbo existencial, onde as fronteiras entre o real e o virtual se tornam, de forma problemática, porosas. O fenômeno é visto como uma fonte de alienação, promovendo uma forma de existência que, embora repleta de interações e informações, carece de profundidade. De acordo com essa perspectiva, a experiência digital, marcada pela superficialidade e efemeridade, contrasta fortemente com as experiências sensoriais e emocionais que caracterizam a vivência no mundo tangível.

Entre a ironia e o vício (ou a abordagem patologizante do *cronicamente online*), emerge uma tensão acerca das fronteiras *online offline*. Enquanto a ironia trata do que seria o excesso diluindo essas fronteiras e constatando a impossibilidade de mantê-las, a porosidade, o processo de indissociabilidade e o estabelecimento de relações não lineares ou causais nesse processo; a abordagem que se concentra na área da saúde busca reestabelecer esses limites em termos lineares de causa e efeito, e regulá-los ou equilibrá-los, entre outros, pela indicação da busca de um equilíbrio saudável que acaba por deslocar (a partir de saberes que se constituem na área médica e de saúde mental) a responsabilidade de reestabelecer dicotomias ou de delimitar o que seria o excesso para aqueles considerados *cronicamente online*. Em um mesmo movimento, a abordagem centrada na perspectiva do vício aponta o reestabelecimento das fronteiras e da saúde mental como parte de uma

responsabilidade de autorregulação. Afinal, é num cenário de ubiquidade das TICs que a *permanência online* é mobilizada para a construção do que é excessivo ou do que é saudável, (re)distribuindo e construindo os contornos normais e patológicos da relação com as redes.

Note que observar esse tensionamento não carrega de forma implícita a negação dessas abordagens, nem a adesão a algumas dessas posições, mas a explicitação do jogo de forças que emerge nessa cartografia e que inclui a construção de saberes, práticas e discursos sobre o tema e o estabelecimento de parâmetros normais e patológicos na relação com a internet. Isso se dá sobre a *permanência online* e na construção de um léxico sobre sintomas, diagnósticos, e tratamentos que atravessam essa permanência no sentido de regulá-la, transferindo essa responsabilidade aos usuários e estabelecendo o que seria excesso (*cronicamente online*) invisibilizando o conjunto de forças relativo à *ubiquidade*.

Do conflito entre ironia e vício (*permanência online* / *cronicamente online*), acrescido do imperativo da presença *online* no mundo contemporâneo (*ubiquidade*), não se depreende forças que em algum momento se anulam ou se constata apenas uma contradição, mas sim se faz emergir elementos que se retroalimentam de forma a produzir um modo funcionamento, modos de conhecer, de saber, de composição do que é (in)visível, (in)dizível, e de como esse funcionamento deve ser (auto)regulado. A linguagem computacional e maquínica também compõem com essas forças e pode ser vislumbrada por meio das estratégias de engajamento ou de retenção de audiência, tal como destacamos a seguir.

## Maquinações

Os algoritmos das redes sociais são sistemas complexos de aprendizagem de máquinas alterados constantemente que, dentre outras possibilidades, determinam quais conteúdos são recomendados aos usuários com base em uma variedade de fatores, dentre os quais, o reconhecimento de padrões de preferência realizado após extração de dados comportamentais. Eles são projetados para maximizar o engajamento, além de contarem com estratégias recomendadas aos produtores de conteúdo para manter usuários por mais tempo na plataforma.

Vale destacar que fazer emergir essa dinâmica requer se distanciar das definições mais comuns de algoritmo que o colocam em uma lógica linear com etapas que vão do começo (entrada ou *input* de dados) ao fim (saída ou *output*) e o distanciam da rede sociotécnica que lhe dá condições de existência. Ao utilizarmos celulares, *smartphones*, *tablets*, ou outros tipos de computadores isso nos coloca em contato com incontáveis algoritmos que trabalham de forma conjunta. São sistemas que nos conectam também com diferentes empresas que detém patentes sobre esses algoritmos. As ações de um usuário de qualquer um desses equipamentos dispara uma série de algoritmos (e empresas)

gerando resultados de todos os tipos: mapas, trajetos e caminhos a seguir, chamadas e ligações a serem realizadas, sequências de música, filmes, sugestões de compras, de temas importantes para algum *marketing* eleitoral; isso apenas para pensarmos em exemplos mais relacionados àquilo que popularizou a ideia de algoritmo na atualidade e que em geral está presente nas redes sociais.

Dessa forma, passamos a vislumbrar que algoritmos não são lineares ou unidirecionais para a máquina nesse funcionamento – pensando nas variadas interconexões de inúmeros algoritmos e suas respectivas empresas – e também não o são quando pensamos na relação com os usuários, porque a cada interação com esses algoritmos fornecemos dados para o seu funcionamento. Ou seja, sem essas informações que fornecemos, sem essa interação, o ciclo de funcionamento não ocorreria. Aos olhos da máquina somos apenas uma parte dela. A definição de algoritmo como uma sequência linear e lógica de passos, com um *input* e um *output*, compreendido como resultado, isola a ideia de algoritmo dessa rede sociotécnica de que ela faz parte.

Somos parte desse funcionamento e as nossas ações e o nosso comportamento usando esses vários tipos de computadores alteram os algoritmos, que passam a oferecer respostas e sugestões de acordo com essas ações, com outras informações extraídas, e com direcionamentos específicos relacionados às empresas que detêm suas patentes ou que participam da troca e venda de informações de usuários. Quando incluímos a nós mesmos no funcionamento desses sistemas de algoritmos fica mais claro que além de não serem lineares, também não tem um começo e um fim delimitados. Além de fornecer dados comportamentais que alteram os algoritmos, cada resultado final ou *output* que recebemos (uma sugestão de música por exemplo) pode ser (de forma acelerada e pouco apreensível) um novo *input* para o sistema (para sugestão de uma playlist similar). Por exemplo, se o usuário realmente clicou na música ofertada numa rede social, se ouviu a sequência de músicas que vinha logo a seguir, ou se não aceitou aquela opção e escolheu uma outra música. Na relação com um complexo sistema de inúmeros algoritmos, as saídas ou *outputs* são novos *inputs* e, assim, indefinidamente. Não se trata, portanto, de um processo linear, mas de retroalimentação contínua, num ciclo infundável. A *permanência online* e o jogo de forças para que seja ininterrupta se conecta a esse modo de funcionamento e de existência dos algoritmos e à ubiquidade das redes na contemporaneidade.

Desconstruir a ideia de linearidade e de uma sequência que chega a um fim nos ajuda a ter uma real dimensão da nossa participação no funcionamento dos algoritmos, da extração de dados necessária para esse funcionamento assimétrico, nos faz ver as inúmeras empresas que detêm direitos sobre esses algoritmos e que os mantêm opacos (em função do sigilo relativo as patentes) que extraem nossas informações das nossas ações mais banais no uso desses equipamentos, nos tornando

transparentes para esses sistemas. A perspectiva de servidão maquínica<sup>11</sup> (Lazzarato, 2010) que atravessa esse modo de funcionamento com as tecnologias leva à questão sobre quais relações desejantes estamos estabelecendo com as máquinas e que tipos de desvios podem ser produzidos ou já estão em curso, e que serão abordados mais adiante.

### Da patologia à autorregulação

As reflexões realizadas até esse momento nos remetem a alguns aspectos também presentes no livro de Paul Preciado (2023), “Dysphoria mundi”. Nele, o filósofo trata inicialmente o tema da disforia a partir do saber médico, expondo sua própria ficha médica e o diagnóstico que lhe foi dado, “disforia de gênero”, assim como o tratamento que lhe é receitado, com remédios, consultas com variados profissionais da saúde e psicoterapia. O livro representa uma ruptura importante com as concepções tradicionais de disforia deslocando o termo para além da ideia de diagnóstico ou condição médica, propondo uma nova compreensão política do termo que parte do questionamento: “E se a disforia de gênero não fosse um transtorno mental, mas uma *inadequação política e estética* de nossas formas de subjetivação em relação ao regime normativo da diferença sexual e de gênero?” (Preciado, 2023: 22).

Essa nova perspectiva disfórica atravessa todas as quase seiscentas páginas do livro identificando transformações que já estão em curso e incitando seu aprofundamento também pelo próprio modo de escrita da obra, que o autor sinaliza como sendo um livro disfórico e não binário, que recusa as diferenças entre “teoria e prática, entre filosofia e literatura, entre ciência e poesia, entre política e arte, entre anatômico e psicológico, *entre a sociologia e a pele*, entre o banal e o incompreensível (...)” (Preciado, 2023: 30). A noção de “dysphoria mundi” que dá título ao livro é compreendida pelo autor tanto como uma condição planetária político-epistêmica contemporânea, como uma resistência de corpos à subalternização dentro do regime de conhecimento e poder vigentes.

Com a noção de *dysphoria mundi*, não pretendo de modo algum fixar a disforia como um lugar naturalista, nem como condição psiquiátrica que descreve o presente. Muito pelo contrário: tento entender as condições descritas como disfóricas não como patologias psiquiátricas, mas como formas de vida que anunciam um novo regime de saber e uma nova ordem político-visual a partir das quais pensar a transição planetária. (Preciado, 2023: 22)

<sup>11</sup> Mencionando trechos da *Revolução molecular* de Guattari, Lazzarato explica que na servidão não se age por repressão, mas por uma modulação que se conecta às energias mesmas da vida e da atividade humana: “Na servidão maquínica, o sujeito individuado não se opõe às máquinas, é adjacente a elas. Juntos constituem um dispositivo homens-máquinas onde os homens e as máquinas são tão somente peças recorrentes e reversíveis do processo de produção, de comunicação, de consumo. (...) A servidão (...) se apodera dos seres humanos por dentro e por fora ao equipá-los com *certos modos de percepção e de sensibilidade*, bem como de representações inconscientes. *A formatação exercida pela servidão maquínica intervém no funcionamento de base dos comportamentos perceptivos, sensitivos, afetivos, cognitivos, linguísticos*” (Lazzarato, 2010: 169)

Retomamos a obra de Preciado (2023) para destacar também um deslocamento político na noção de *cronicamente online*, questionando: e se *cronicamente online* não fosse apenas uma questão individual a ser tratada, mas uma intensa *adequação política e estética* a um modo específico de relação com as máquinas, as redes, a internet? O movimento que politiza o sentido dessa expressão encontra-se no amálgama cartográfico que fez emergir no tópico anterior o aspecto produtivo da relação ou do jogo de forças entre ironia, vício e as maquinações algorítmicas.

Diferente da constatação diagnóstica sobre a inadequação política e estética da disforia em relação a um regime normativo, a abordagem na área de saúde mental encontrada nesta pesquisa promove uma autorregulação e uma forma de responsabilização individual típica do neoliberalismo<sup>12</sup>, incidindo neste caso sobre responsabilização sobre o próprio sofrimento psíquico. A autorregulação neste caso, mantém um modo de funcionamento que incorpora a relação já estabelecida com as redes e a manutenção da presença *online* num limite que continue produtivo, inclusive para o modo de funcionamento dos algoritmos e para o capitalismo de vigilância (Zuboff, 2018) que requer esse comportamento. Afinal quando a área de saúde ou médica diz que pessoas *cronicamente online* se tornam improdutivas ou pouco produtivas, certamente isso não é proferido a partir da perspectiva das empresas ligadas à internet. Nesse caso, essas são as pessoas mais intensamente produtivas, no sentido da produção de dados e interações que são extraídos para o funcionamento algorítmico. Assim, enquanto o debate do autor sobre disforia indica a inadequação também como forma de contraposição a um regime de saber-poder, o debate sobre o *cronicamente online* que aqui se desenvolve aborda um modo de relação estabelecido com as máquinas a ser subvertido.

Preciado indica a cibernética como uma das três dimensões fundamentais para se fazer um diagnóstico da crise que atravessamos na atualidade, e afirma que somente considerando a articulação desta com as outras duas (somatopolítica e climática) que se torna possível imaginar a amplitude das mudanças necessárias. É nesse sentido de enfrentamento de um problema e da observação de formas de resistência que já estão em andamento, que o tema do vício em internet é abordado no capítulo “Heroína eletrônica”. O autor também desloca o tema para uma abordagem política e o faz retomando como exemplo um caso em que a adicção à internet foi comparada ao vício em heroína, pelas alterações químicas que promove no cérebro. Deste caso, Preciado destaca que a internet não é algo externo e inerte, mas um fluxo que nos atravessa, uma “substância eletrônica” (também um conjunto de linguagens) que nos altera.

<sup>12</sup> A regulamentação de redes sociais e plataformas digitais conectada a essa abordagem de saúde mental (que inclui as ideias de autorregulação típicas tanto do neoliberalismo como da cibernética) é um importante tema de pesquisa, ainda muito incipiente. No Brasil, o tema ganhou em 2024 contornos instigantes para novas investigações com as tentativas de regulação das *bets* (plataformas e aplicativos de apostas online), o combate a *fake news* e a proibição de uso de telefones celulares em escolas no estado de São Paulo.

Nesse início prematuro do século XXI, a internet se transformou na porta das portas. A relação entre o real e o virtual está se invertendo. Se, até o início da primeira década do século XXI, o virtual era o que existia na internet e o real era o que existia fora dela, agora o autenticamente real é o que tem mais presença na internet. E é assim que está surgindo a i-realidade: um espaço de sentido construído cibernética e bioquimicamente no qual é possível viver – e morrer (Preciado, 2023: 140)

É dessa forma que o autor aborda a dimensão política do vício a partir do atravessamento corpo-fluxos na internet, criando conexões e alterações contínuas que são construídas de forma cibernética e bioquímica. O autor segue explorando o tema inspirado em William Burroughs e nas possibilidades de desvio intencional das máquinas, de processos transformadores (revolução eletrônica) e associação da ideia de adicção não à submissão ou obediência mas ao exercício do poder e do capital.

Nossa dificuldade para abandonar o capitalismo petrossexorracial não deriva de estarmos, como alguns afirmam levemente, numa relação fascista de privação de liberdade e de terror político cotidiano - ao menos no momento e na maioria dos países europeus. Estamos, na verdade, numa relação de adicção com o poder e o capital. A dívida transforma o cidadão em adicto, no sentido legal do termo romano; ao mesmo tempo, a adicção opera dentro do seu organismo como uma espécie de dívida metabólica. Somos corpos perpetuamente endividados e adictos das formas de consumo e distribuição de energia específicas do capitalismo colonial da reprodução heteropatriarcal (petróleo, carvão, gás, glicose, álcool, café, fármacos, tabaco etc.) e cibernética: códigos semióticos, informação, linguagem e imagens em movimento que se difundem e entram em nosso corpo através de circuitos eletroquímicos... Mais, mais, mais. Sempre demais. Nunca suficiente. (Preciado, 2023: 72)

O compartilhamento indiscriminado de informações pessoais nas redes sociais, assim como a coleta de dados de usuários da internet em diferentes dispositivos levanta preocupações sobre o uso desses dados por empresas de tecnologia e governos, bem como sobre o potencial para violações de privacidade e vigilância em massa. Considerando a compra e venda de dados de usuários e os debates acerca do capitalismo de vigilância vale retomar o questionamento: se, de acordo com os diagnósticos e avaliações médicas relativas a ideia de dependência e vício, o estar *cronicamente online* leva um indivíduo à *diminuição da produtividade*, é habitando essa condição que indivíduos se tornam extremamente produtivos / lucrativos para o modo de funcionamento algorítmico das redes e do capitalismo contemporâneo baseado em informação. É na autorregulação e na responsabilização individual dessa adequação política e estética que se fornece a solução para que essa produção extrema encontre um termo que a lucratividade possa continuar existindo.

As reflexões de Paul Preciado nos auxiliam a repensar o *cronicamente online* em sua dimensão política ou somatopolítica. Esse vértice de compreensão permite vislumbrar a relação entre adicção, alteração dos corpos ao nível bioquímico e o funcionamento do capitalismo contemporâneo acrescentando muito ao debate já estabelecido sobre a coleta e tratamento de dados pessoais para

previsão e a modulação<sup>13</sup> do comportamento nas plataformas digitais. Sobretudo porque Preciado rompe o limite da pele e estabelece um outro nível de acoplamento ciborgue<sup>14</sup>, e que no caso desta pesquisa, desconsidera as fronteiras que o tratamento patologizante do *cronicamente online* busca reinstaurar. Um limite binário (vida *online / offline*) que invisibiliza exatamente o atravessamento de fluxos que politiza o debate. Com Preciado é possível habitar fronteiras porosas ou diluí-las na direção da criação de novos modos de relação ou de outras maquinações como veremos com as experimentações antidisciplinares.

No cenário digital contemporâneo, a interação com plataformas *online* não se limita apenas à troca de informações e entretenimento. Por trás dessa aparente simplicidade, está essa rebuscada operação de algoritmos e estratégias de engajamento que modulam nossas *experiências online*. Sobre esse contexto, o artigo “Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma” (Bruno, Bentes, Faltay, 2019), elucida bastante a interseção entre tecnologia, comportamento humano e controle algorítmico. A economia psíquica dos algoritmos refere-se à extração e uso de dados emocionais e psíquicos dos usuários para prever e influenciar seu comportamento nas plataformas digitais. Para os autores, essa prática envolve a coleta constante de informações sobre preferências, comportamentos e interações *online*, alimentando algoritmos que são capazes de direcionar conteúdos e experiências de maneira a maximizar o engajamento e a *permanência* dos usuários nas plataformas, as quais são vistas como laboratórios ou ambientes controlados no qual esses algoritmos são desenvolvidos e testados. Aqui, as empresas de tecnologia manipulam e experimentam com as interações dos usuários, buscando otimizar seus serviços e ampliar o tempo de uso das redes sociais e internet. Ainda de acordo com este artigo, esses laboratórios muitas vezes operam de forma opaca,

<sup>13</sup> A partir da abordagem de Deleuze (1996), Rogério da Costa (2004) define modulação como um novo regime de poder característico da sociedade contemporânea. Diferente do controle rígido e fixo das sociedades disciplinares descritas por Foucault em diferentes trabalhos, a modulação é um processo contínuo e flexível, que se adapta dinamicamente aos comportamentos. Em vez de operar em espaços fechados e tempos regimentados, a modulação ocorre em redes abertas e interconectadas, regulando os fluxos sociais de maneira incessante. A identificação dos indivíduos se dá através de cifras e senhas, permitindo ou negando acesso a informações e serviços, e a vigilância foca na análise de padrões de comportamento, buscando prever e influenciar ações futuras, especialmente a partir de algoritmos de aprendizagem de máquina. Para outras importantes definições de modulação que se relacionam a processos de resistência ver Vicentin e Salviano (2022).

<sup>14</sup> Aqui nos aproximamos do conceito de ciborgue em Donna Haraway (2009) e Paul Preciado (2014), enquanto Haraway o definiu de forma inaugural como figuração mítica, irônica e política, um híbrido de máquina e organismo, orgânico e inorgânico, realidade e ficção, que dilui dualismos clássicos em favor da diferença e da apropriação da tecnologia e da linguagem da tecnociência num contexto pós-humano, Preciado (2014) detalha a ideia de forma que se aproxima do desenvolvimento de ideias presentes em *Dysphoria Mundi*. Neste caso, deve-se considerar que o ciborgue um sistema aberto e biológico, sem reduzi-lo a uma ideia mecânica, fechada e matemática. Para ele, o ciborgue é: “um sistema aberto, biológico e comunicante. O ciborgue não é um computador, e sim um ser vivo conectado a redes visuais e hipertextuais que passam pelo computador, de tal maneira que o corpo conectado se transforma na prótese pensante do sistema de redes”. (Preciado, 2014: 167). Tanto as abordagens sobre TICs que consideram conceitos de modulação como individuação, pré-individual, atual/virtual, real/virtual podem ser enriquecidas a partir dessa perspectiva.

longe do escrutínio público, permitindo que as empresas exerçam um controle significativo sobre as experiências digitais de bilhões de pessoas no mundo.

A esta altura, é possível colocar em diálogo complementar as contribuições de Bruno, Bentes e Faltay (2019) e as reflexões de Preciado (2023). Se observarmos que o filósofo considera a relação entre adicção, alteração dos corpos ao nível bioquímico e o funcionamento do capitalismo contemporâneo e se somarmos a isso a sua perspectiva ampliada de ciborgue (um sistema aberto e biológico, um ser vivo atravessado por fluxos que o alteram), vemos não apenas a extração de dados emocionais e psíquicos mencionadas no artigo (Bruno, Bentes, Faltay, 2019), mas a criação e alteração desses traços também como parte de uma modulação bioquímica de comportamento. A retroalimentação entre esses trabalhos é também o ciclo de *feedback* deste funcionamento. É uma modulação que opera com e por um sistema aberto e biológico e que vai além da ideia de influenciar comportamentos conectando essa dimensão ao nível bioquímico dos corpos, sem reduzir o que é psíquico ou emocional a isso. Como já mencionado, todo *output* é um novo *input* transformado ou diferenciado.

Este ângulo permite ainda dialogar com Byung Chul Han (2018), para quem estamos numa era da psicopolítica quando a coerção não é externa, mas interna e não há uma imposição de vontades, mas *modulação de pensamentos, sentimentos e sensorialidades*. Essa era é caracterizada pela positividade em seu modo de exercer o poder, que por sua vez se esgueira por entre as frestas das disputas e jogos de forças.

### **Experimentações antidisciplinares e apropriações de linguagens**

Para Preciado (2023: 523) a resistência e o processo de transformação aparecem como algo que já está em andamento, e também como potencialidade constante de reapropriação das técnicas e dispositivos vigentes. Destacamos algumas estratégias que o autor vislumbra na atualidade, que podem ser aprofundadas e que dizem mais respeito aos temas mobilizados neste artigo: o questionamento da definição normativa da doença, e a explicitação dos processos de construção cultural e política da vulnerabilidade e da saúde; a politização da relação com as próteses energéticas de subjetivação (cibertecnologias e inteligência artificial, algoritmos etc.), do celular ao mais distante satélite ao qual estamos conectados; e a transformação da estrutura cognitiva e de sua relação com as próteses de subjetivação técnica.

A perspectiva de hibridação antidisciplinar, que aliás caracteriza a própria obra de Preciado (2023), surge também como estratégia de desmontagem das segmentações provenientes do modo de funcionamento do capitalismo e de recombinação do que foi separado para provocar mutações:

Isso vale para as artes (literatura, cinema, música, vídeo, performance, teatro etc.), a filosofia, as ciências, mas também para as práticas institucionais. Por um lado, o cinema deve tornar-se filosofia; a filosofia, poesia; a poesia, teatro; um teatro deve ser laboratório; um laboratório, uma orquestra [...] (Preciado, 2023: 525)

Essas propostas destacadas dizem respeito, entre outras possibilidades de interpretação, as linguagens desviantes que no caso da transformação das relações dos nossos corpos com as máquinas requer um aprendizado coletivo de como alterá-las. Uma abertura e decodificação / recodificação das tecnologias e que podem ser relacionadas ao que o autor chama de práticas dissidentes de experimentação para invenção de outra epistemologia.

A resistência aparece também na alegoria da interrupção do pleno funcionamento de uma máquina de escrever responsável por constituir com o modo de funcionamento vigente do capitalismo nos indivíduos. Nessa alegoria, a máquina de escrever movimenta uma linguagem, código responsável por estruturar o pensar do mundo social a partir de uma lógica de expropriação em que a resistência se torna a reapropriação dessa máquina a partir da sobreposição de outras linguagens e narrativas preexistentes a este código, alterando e subvertendo tanto a forma e direção das tecnologias, como a perspectiva de servidão maquínica anteriormente mencionada.

Menos como exemplo do que diz esse autor, e muito mais como propostas que partem de perspectivas interseccionais e ancestrais do Sul Global, recuperamos aqui algumas das reflexões apresentadas na coletânea *Griots e tecnologias digitais* (Barros e Silva, 2023) e que dizem respeito a desvios ou formas experimentais e especulativas de resistência, que incidem sobre a reconfiguração e recodificação das camadas de linguagem computacional, maquínica e humana.

Pautadas pela abordagem de que artefatos tecnológicos são políticos e incorporam visões de mundo e exercícios de poder, que no caso das tecnologias de informação e comunicação se dá de forma mais invisibilizada, pois ao nível de códigos e protocolos, as autoras de “Do pretuguês tecnológico à *blogagem* coletiva: a reconstrução de um caminhar tecnológico diante da virtualização da vida” (Barros e Silva, 2023) destacam a desmontagem e apropriação da linguagem em suas várias camadas. O pretuguês tecnológico, segundo as autoras, é: “um exercício de imaginação para desenvolver uma outra linguagem computacional carregada de ancestralidade (...) que ajudaria a criar uma receita para a transformação da humanidade, livre de racismo e sexismo, da homofobia, transfobia e todas as outras opressões”. (Barros e Silva, 2023: 27) Nesse exercício, linhas de código são alteradas a partir da troca de comandos geralmente escritos em inglês:

O incômodo que sentimos estudando Lélia Gonzalez é que a gente tá focando em aprender essa dinâmica – escrita em inglês – fortalecendo um imperialismo global tecnológico a partir da mesma lógica do ser humano universal. O ser humano universal que usa uma linguagem computacional universal. Ora, nós, pessoas negras, indígenas, árabes, orientais, LGBTQI+, sabemos que o ser humano universal não nos contempla” (Barros e Silva, 2023: 29)

Da mesma forma que a linguagem computacional é local de transformação também o é aquele com objetivo de reapropriação dos espaços de fala na internet. Thiane Barros no capítulo *Zélia Amador de Deus e o legado científico-tecnológico de Ananse para a luta de mulheres negras na Amazônia paraense* apresenta o grupo ciberativista herdeiras de Ananse, por meio do qual a autora identifica a resistência anticolonial amazonense como uma apropriação constante das tecnologias para subverter as narrativas divulgadas sobre o território amazônico, como o vazio demográfico, de forma a reafirmar “seus saberes tradicionais e criando teias contracoloniais de construção de conhecimento” e combater a retroalimentação de processos de violência colonial. Esta forma de resistência é estruturada pelo movimento de *Amazonidar as comunicações* a partir de um adentramento dessas ativistas e outras mulheres negras amazonenses nas redes sociais para que naquele espaço antes povoado pelas narrativas nocivas ao território amazonense sejam sobrepostas a novas histórias contracoloniais de carácter emancipatório. Ou seja, existe uma reapropriação do modelo de divulgação de informação e narrativas nas redes que permite um combate e rompimento com estigmas acerca do território amazônico.

### **Considerações finais**

Ao associar a construção contemporânea do *cronicamente online* ao deslocamento da ideia de disforia, proposto por Paul Preciado, pudemos destacar semelhanças interessantes: ambas são vistas como condição médica, no entanto, ao receber esse tratamento são apagadas as tensões, conflitos e jogos de forças que participam desse fenômeno. Assim como a disforia de gênero não é mais vista como uma condição médica inerente, mas sim como uma inadequação estética e política que desafia as concepções binárias de gênero, o estar *cronicamente online* é deslocado para fazê-lo emergir como parte constituinte e produtiva do capitalismo de vigilância e do modo de funcionamento das relações com a internet na atualidade.

*Cronicamente online* pode ser interpretado como uma nova forma de sociabilidade, especialmente entre os jovens e adolescentes, uma intensa adequação política e estética que para permanecer produtiva requer autorregulação e construção de saberes que a informem. Em muitas sociedades contemporâneas, estar constantemente conectado é valorizado e incentivado como um sinal de *status*, produtividade e pertencimento. As forças que nos direcionam a manter uma presença *online* ativa e engajada nas redes sociais criam uma expectativa de *permanência online*, reforçada por uma série de fatores culturais e sociais, políticos e econômicos, uma resposta às demandas da sociedade digital contemporânea e do modo de funcionamento das plataformas dominadas pelas Big Techs.

Nos termos apresentados neste artigo, *ubiquidade* e *permanência online* se retroalimentam, mas sua distinção nos permite vislumbrar as tensões e paradoxos presentes na pesquisa de campo. Se por um lado, a *ubiquidade* exige uma relação constante com a internet e as redes sociais, e pode ser compreendida em conexão com os aspectos da perspectiva da cibernética e do funcionamento dos complexos sistemas algorítmicos no contexto do capitalismo de plataforma e das Big Techs, por outro, a constante *permanência online* e o *cronicamente online* são compreendidos como uma nova forma de sociabilidade e uma adequação à ubiquidade muitas vezes avaliados como negativos pelos próprios indivíduos, ou por artigos e opiniões que avaliam esse estado de coisas, delimitando o que é excesso, normal e patológico na relação com as redes. Em meio a esse jogo de forças, emerge como solução a responsabilização do indivíduo pelo próprio bem-estar ou equilíbrio na utilização das redes sociais, desconsiderando os aspectos políticos da *ubiquidade* das tecnologias de informação e comunicação, e os reforços para *permanência online* que surgem na delimitação de sentidos de pertencimento entre aqueles que se autoidentificam como *cronicamente online*.

O fenômeno *cronicamente online* surge como modo de funcionamento intrínseco do capitalismo de vigilância, onde a coleta, análise e exploração de informações pessoais se tornaram a matéria-prima fundamental para o funcionamento das plataformas digitais, que aliam as perspectivas autorregulatórias tanto do neoliberalismo como da cibernética. Nesse contexto, estar constantemente conectado é menos uma escolha individual e muito mais o centro dessa nova economia, motor de acumulação capitalista, onde a atenção dos usuários é transformada em um recurso valioso e lucrativo. As plataformas *online* operam como verdadeiros laboratórios de experimentação (Bruno, Bentes e Faltay, 2019), utilizando algoritmos sofisticados para capturar emoções e traços psíquicos das pessoas e reter a atenção dos usuários, mas também como forma de a criação e alteração desses traços. A ideia de modulação comportamental abre-se assim também a esse sistema corporal, aberto e biológico. Esses algoritmos são projetados para analisar continuamente o comportamento dos usuários, identificar padrões de engajamento e personalizar conteúdos de acordo com suas preferências individuais. Como resultado, o ciclo de interação entre usuários e plataformas é perpetuado também por transformações bioquímicas, incentivando a *permanência online* prolongada.

Ao adotar o deslocamento da patologização do fenômeno de estar ou ser *cronicamente online* para sua compreensão política, esta pesquisa não descarta que há efeitos nocivos do uso excessivo de redes sociais e internet, ao mesmo tempo que faz emergir as tensões e conflitos que compõem o fenômeno, um intrincado jogo de forças entre a medicalização e a normalização / regulação produtiva do comportamento digital. A partir do método cartográfico foi possível notar que por um lado, há uma tendência em enquadrar o estar *cronicamente online* como uma condição médica ou algo pejorativo similar a um vício em internet ou dependência tecnológica, que necessita de intervenções

terapêuticas e de controle. No entanto, essa perspectiva concentra a questão num ciclo de sintomas, predisposições e soluções individuais que inclui a busca por uma “vida saudável”, o “equilíbrio entre estar vida *online* e vida *offline*” ou o “tratamento do vício”. Essa perspectiva apaga aspectos políticos e sociais conectados com a *permanência online*. Ao ser deslocado da perspectiva patologizante, o *cronicamente online* é frequentemente valorizado e incentivado como uma característica desejável em um mundo cada vez mais digitalmente conectado, onde o capitalismo de dados incentiva essa *permanência nas redes* para se sustentar. Assim, a constante conexão está sujeita a uma dualidade de interpretações, onde as percepções médicas e sociais se entrelaçam e se influenciam mutuamente, em um complexo jogo de forças. As transformações das relações já estabelecidas com as tecnologias requer interrupções dos fluxos que as atravessam e compõem, pela desmontagem, (re)codificação e (re)apropriação das linguagens até então tidas como universais.

## Referências

ARAÚJO, Willian Fernandes. Norma algorítmica como técnica de governo em Plataformas Digitais: um estudo da Escola de Criadores de Conteúdo do YouTube. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos* 23(1):29-39 janeiro/abril, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.4013/fem.2021.231.03> Acesso em 20 de maio de 2024.

BATISTA, Taynara; OLIVEIRA, Conrado; MACHADO, Camila. Adoecer-sofrer no contexto neoliberal: reflexões acerca da responsabilização individual do sofrimento psíquico. *Cad. de Psicologia*, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 123-145, jan./jun. 2022

BARROS, Bianca Cavichioli Schuermann. *Cronicamente online*: as tecnologias de informação e comunicação entre ubiquidade e permanência digital. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Inst. de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2024.

BARROS, Thiane Neves; SILVA, Tarcízio. *Griots e tecnologias digitais*. Brasília: Instituto Brasileiro de Análise e Pesquisa de Dados IBPAD, 2023.

BRUNO, Fernanda; BENTES, Anna; FALTAY, Paulo. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 26, nº 3, set-dez, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.3.33095> Acesso em 13 de maio de 2024.

COSTA, Rogério da. Sociedade de Controle. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 18, nº1: p. 161-167, 2004.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: Deleuze, Gilles. *O mistério de Ariana*. 3ª.edição. Nova Vega: Lisboa, 2015.

FERRAZ, Claudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set., 2019.

GALLOWAY, Alexander. Are algorithms biased?. In: *Culture and communication* (blog). Disponível em: <https://cultureandcommunication.org/galloway/are-algorithms-biased> , jan/ 2019. Acesso em 15 de maio de 2024.

GROHMANN R., GOVARI C., AMARAL A.; Aquino M.C. Click farm platforms and informal work in Brazil. Future of Work(ers) SCIS Working Paper 34, University Of The Witwatersrand, 2022. Disponível em: <https://wiredspace.wits.ac.za/server/api/core/bitstreams/0e06ad71-37b6-4d11-8ee2-873a1bc15a61/content> Acesso em 15 de maio de 2024.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.

HARAWAY, Donna. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. (5):07-41, 1995.

LAZZARATO, Maurizio. Sujeição e servidão no capitalismo contemporâneo. *Cadernos de subjetividade*, n.12, São Paulo, 2010.

LEMBKE, Anna ‘Nação dopamina’: “a internet é uma droga”. *Veja*, São Paulo, 13 de outubro de 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/paginas-amarelas/anna-lemcke-de-nacao-dopamina-a-internet-e-uma-droga> Acesso em 29 de maio de 2024.

LINS, Beatriz Acciolly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia. Estratégias para pensar o digital. In: *Cadernos de Campo*, vol. 29, n.2: 1-10, São Paulo, 2020.

LINTAO, Alana. Chronically online: the epidemic of the century. (video: 6,57 min.) *TEDTalk - Youtube* Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HpLJtpktsC0> Acesso em 10 de junho de 2024.

OLIVE, Kaelaine. Rolagem infinita pode ser a grande causa de vício na internet. *Jornal da USP*, São Paulo, 12 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/rolagem-infinita-pode-ser-a-grande-caoa-de-vicio-na-internet/> Acesso em 29 de maio de 2024.

OLIVEIRA, Kainã de. Uso excessivo das redes sociais pode levar a uma realidade ficcional. *Jornal da USP*, São Paulo, 13 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/uso-excessivo-das-redes-sociais-pode-levar-a-uma-elaboracao-ficcional-da-realidade/> Acesso em 29 de maio de 2024.

PRADO Filho, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.38, p.45-59, jan./jun. 2013.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi: O som do mundo desmoronando*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

\_\_\_\_\_. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SANTOS, Zamara Araújo dos. Entre máquinas: a produção maquínica de Deleuze e Guattari. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, Rio de Janeiro, v. 14, nº 2, pp. 55-73, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.59488/tragica.v14i2.37053> Acesso em 15 de maio de 2024.

SHABAHANG, Reza; ARUGUETE, Mara S.; SHIM, Hyejin. Online news addiction: future anxiety, fear of missing out on news, and interpersonal trust contribute to excessive online news consumption. *Journal of Communication and Media Technologies*, Volume 11, Issue 2, April 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30935/ojcm/10822> Acesso em 20 de maio de 2024.

SANTANA, Iandara Pimentel. Nomofobia: uso exagerado das redes sociais pode gerar quadro de vício. *Correio Braziliense*, Brasília, 22 out. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/revista-do-correio/2023/10/5133256-nomofobia-uso-exagerado-das-redes-sociais-pode-gerar-quadro-de-vicio.html> Acesso em 29 de maio de 2024.

VICENTIN, Diego; SALVIANO, Maria Cortez. Modulação além do controle: considerações sobre a amplificação nos processos informacionais. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, e6034, nov. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v18i2.603> Acesso em 03 de junho de 2024.

WOOLLEY, Samuel. Poder de automação: interferência de bots sociais na política global. Dossiê Pós-Verdade, *Rev. ComCiencia.*, mar. 2017. Disponível em <https://www.comciencia.br/poder-de-automacao-interferencia-de-bots-sociais-na-politica-global/> Acesso em 22 de maio de 2024.

ZUBOFF, Shoshana. Big other: capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: *Tecnopolíticas de vigilância: perspectivas da margem*. Bruno, Fernanda; Cardoso, Bruno; Kanashiro, Marta; Guilhon, Luciana (orgs). São Paulo: Boitempo, 2018.